



ALFANDEGA DE DUBLIN.

DENTRO d'uma bahia extensa e vistosa, quasi ao meio da costa oriental da Irlanda, directamente fronteira á do paiz de Galles na Graã-Bretanha, está situada Dublin, no condado do mesmo nome. É a segunda cidade do reino-unido britannico pelo que respeita a extensão e população: comprehende, segundo os ultimos recenseamentos, mais de 18:000 casas e de 260:000 almas. Todavia neste grande numero d'habitantes é grandissimo o de pessoas miseraveis, se a compararmos com outras cidades populosas. Para que se não pense que fazemos gosto em exaggerar, copiaremos as expressões que se lêem no vol. 9 da *Penny Cyclopaedia*, impresso em 1837. — «A condição das classes mais pobres em Dublin é a extrema penuria: comtudo ha poucas cidades em que as instituições caritativas sejam mais numerosas, e mais auxiliadas. O numero das pessoas totalmente desamparadas calcula-se em 25:000; o das pessoas laboriosas, mas que só acham trabalho occasional, e frequentemente não teem em que se empreguem, é de 25:000; o de homens com lojas de officios ou de commercio miudo, pobres, e de ordinario no mesmo estado dos antecedentes por falta de trabalho e outras causas 18:000.» — Eis-aqui temos mais da quarta parte dos habitantes de uma grande cidade reduzidos a peor condição que a dos

TOM. IV. FEVEREIRO 29. — 1849.

mendigos que gyram de porta em porta. E não só isto acontece na capital, mas geralmente em toda a ilha: a Irlanda é o paiz da pobreza: o viver remediado é um estado excepcional a que chega um numero de familias mui diminuto em comparação das que jazem em completa desgraça: o unico allivio a tamanha miseria é a mesquinha consolação de ser o mal geral, de ser esta a condição commum, o estado forçado de todo aquelle povo. Aflige a humanidade o quadro lastimoso da penuria dos camponezes da Irlanda, traçada recentemente por Inglis (*), escriptor inglez muito estimado por suas interessantes viagens. Poucas batatas, e quando muito algum leite, é todo o sustento daquella pobre gente. As portas das choupanas incommodas em que habitam vê-se apparecer muitas vezes o focinho d'um porco, que alli vive com os mais moradores; mas se estes o criam não é para abastança da pobre familia, é para vender, e com o producto pagar a excessiva renda da miseravel choça: de fórma que os irlandezes dizem proverbialmente que o porco tem mais direito que ninguem para morar na casa, por ser quem a paga. Os cultivadores quasi nada aproveitam com

(*) Vid. *a journey throughout Ireland, during the spring, summer and autumn of 1834, by H. D. Inglis*, 2 vol. 2.^a edition. 1835.

a fatura das colheitas, porque as rendas das terras são caríssimas, e cada vez sobem mais de prego. Este estado social da Irlanda é um dos objectos que mais serios cuidados dá ao governo britannico.

Não obstante miseria tamanha, que talvez na Europa não tenha parecida, divisa-se o fausto insultuoso, e a morada opulenta de alguns nobres e ricos a par do ruim abrigo e dos farrapos do trabalhador e do pobre. A capital da Irlanda não é destituída de edificios dignos de attenção, tanto publicos como particulares: porem como não é nossa intenção descrever miudamente a cidade de Dublin, diremos só o que respeita á casa d'alfandega, representada na gravura acima. É um edificio nobre, que foi começado em 1781, e levou dez annos a construir, fazendo de despeza total mais de 260:000 libras sterlingas. Tem quatro frentes de formosa architectura: a principal, que deita para o rio Liffey, que atravessa a cidade, tem 375 pés inglezes de comprimento, e é, como as outras tres, de bella cantaria: no centro tem um portico bem ornado com seu entablamento, tudo d'ordem doricã: do mesmo estylo é a portada do lado do norte. É casa vasta, com grandes salões, e tem de fundo 205 pés. A frontaria principal é coroada com um bello zimbório, que se levanta do centro do edificio a 125 pés d'altura. Proximas estão as docas, que são amplas e bem delineadas. Diz porem a citada *Cyclopaedia* que, para o gyro de commercio que ha, metade das accomodações do edificio eram sufficientes.

PALACIO E BASILICA DE MAFRA.

2.º

O PRIMEIRO projecto do edificio de Mafra não foi por certo tão amplo como o que admiramos hoje posto em pratica. Elrei D. João 5.º fizera voto de fundar um convento com seu templo dedicado á Virgem SS.ª e a St.º Antonio Lisbonense; mas, segundo a delineação das primeiras obras que para este fim ordenou, parece que destinava a casa para diminuto numero de conventuaes, que ao principio devia ser de 13, depois passou a 40, d'ahi a 80, e ultimamente subiu a 300 frades, quando o monarcha magnifico, querendo levantar fabrica de grande nome na Europa, approvou e acceitou o vasto plano traçado pelo architecto alemão, Ludovici, e que não só comprehendia um edificio religioso, mas tambem um palacio real com a sumptuosidade que ora vemos. Para levar a cabo tamanha obra foi necessario alargar os limites da começada, e desfazer em parte o que estava feito; assim como rebaixar um monte e grande rochedo da parte do sul, empregando-se só neste trabalho 5:000 obreiros e 500 cavallos, gastando-se em minas 30 arrobas de polvora por dia, e excedendo a despeza mensal a 70:000 cruzados. Com o entulho que daqui se tirava se encheu e terraplenou uma especie de valle, onde é hoje o rocio fronteiro ao edificio.

No dia 17 de Novembro de 1717 se lançou a primeira pedra no alicerce da igreja, praticando-se este acto com prodigiosa pompa e grandissimo dispendio. Só nesta função gastou elrei 200:000 cruzados. Durou treze annos a construcção da basilica, trabalhando diariamente de 20 a 25 mil homens. Crescendo a obra com a edificação do convento e do paço, augmentou tambem o numero de operarios; e ainda que não seja facil saber ao certo o numero de pessoas que nella de continuo se empregavam; comtudo dos roes de Junho até Outubro de 1730 consta que estavam matriculadas em todos os ramos deste

serviço 45:000 pessoas, entrando soldados de diferentes armas 7:000, que alem do respectivo soldo venciam 150 r.º diarios. De toda a parte do reino veio gente para diversos misteres desta fabrica immensa; e não foram poucas as vexações, ignoradas por certo do monarcha, que as auctoridades locaes commetteram para lisongear D. João 5.º, que ambicionava concluir em seu reinado este monumento do seu poder e opulencia. Comprova-se esta circumstancia com o grande numero d'homens que as auctoridades recrutavam em seus districtos, e que os superintendentes da obra despachavam para suas casas por incapazes de trabalho. Tão facil é abusar das rectas intenções d'um principe, quando interpetram mal e excedem as suas ordens os que as deviam cumprir com zelo do bem publico, não guiados pela adulação e desejo de cabimento, mas pelo desinteresse e amor da justiça!

Não mentirá quem affirmar que se reuniu gente, capaz de povoar uma grande cidade, para levantar a serra de marmore lavrado, com suas vastas dependencias, a que chamamos edificio de Mafra. Basta commemorar, alem do que dissemos, que para as pessoas que na obra adoessem mandou elrei construir um bem servido hospital provisorio, á custa da Fazenda, com 8 enfermarias que alojavam 535 doentes, alem de outras duas que comprehendiam 240 leitos, que não chegaram a occupar-se; mas que serviam para a convalescença. Nos cinco annos decorridos de 1729 até Abril de 1733 entraram 17:097 doentes, e fez o hospital de despeza total 91:937:347 réis.

Esta obra causou um movimento geral das artes no reino; aperfeiçoaram-se muitas, reviveram outras, e a *casa do risco*, creada em Mafra, foi um impulso dado á architectura, desprezada havia tempos em Portugal, apoz successivos desastres. Não hade o philosopho considerar Mafra simplesmente como o capricho d'um rei poderoso, hade calcular os effeitos, que para o gosto e cultura das Boas-Artes, e até de muitos officios mechanicos, dalli derivaram. Verdade é que o augusto fundador dispendeu grossas sommas em mandar vir de reinos estranhos immensidade d'objectos para enriquecer e aformosear a sua obra predilecta: mas esses objectos foram outros tantos exemplos para a imitação; e é prodigioso o impulso que o exame de tantas obras primas deu á nossa industria.— Quem é rico não teme gastar em proporção de seus recursos; D. João 5.º fez isto; porque o culparemos? . . . Modelos tinhamos sido para as nações em epochas mais venturosas; porem causas fataes nos enfraqueceram e apoucaram; mas o genio portuguez não morreu: quando veio outra vez o tempo da opulencia manifestou-se desenvolvido no espirito de um rei magnanimo, de um rei que, evitando as guerras, remia com ouro o sangue de seus subditos. Ostentámos então a nossa grandeza, segundo o espirito do seculo. E com effeito achámos mais prudente aproveitar as lições do passado, exaltando sempre a grandeza de animo e de obras dos nossos maiores, imitando-os conforme as necessidades do tempo, do que repetir censuras, que afligem e desanimam. Demais disso, desculpa tinha para edificar Mafra quem erigiu o aqueducto das aguas-livres!

A entrada para a real basilica mafrense é por uma avenida ou carreirinho, que corta pelo meio uma rampa artificial d'embrexados de seixos brancos e pretos, e vai findar n'um terreiro, onde o lanço d'escadaria dá ingresso para o atrio ou vestibulo espaçoso, cuberto com abobada de marmores apainelada, e calçado com um pavimento disposto em xadrez. Adornam esta entrada 58 estatuas collossaes, tam-

bem de marmore, e de obra primorosa, que representam os fundadores das ordens religiosas: algumas destas estatuas teem 17 palmos d'alto, e outras 11 palmos, e estão collocadas em seus nichos; demandavam porem mais elevada posição, proporcional com as suas dimensões, para produzirem melhor effeito. Seis columnas de 40 palmos d'alto, com bem acabados capiteis, e que sustentam a *casa da benção* no frontispicio, formam o portico.

Maravilham o espectador, dentro do templo, a profusão e variedade de marmores de todas as côres, em cujo labor se aprimorou a arte, os estuques apainelados, e as bellas peças de mosaico, e de madeiras preciosas, como o angelim, delicadamente trabalhadas, o vistoso do pavimento, e o esplendor de todos os ornatos e accessorios, que revelam magnificencia e riqueza. Tem esta basilica desde a porta ao altar-mór 283 palmos, e o corpo da igreja 57½ palmos de largo, mas incluindo o espaço que occupam as capellas collateraes contam-se 142 palmos. Ha nella 11 altares em outras tantas capellas. O retábolo do altar-mór consta d'um bello quadro d'eschola romana, que representa os padroeiros titulares da casa, Nossa Senhora e Santo Antonio, com moldura de grande artificio e de lustroso marmore preto, e duas columnas lateraes de marmore vermelho, medindo só o fuste de cada uma 43 palmos d'altura e 14½ de circumferencia: aos lados da capella-mór, sobre duas portas fronteiras, que dão serventia para o côro, estão as tribunas das pessoas reaes, que teem communicação com o palacio por amplos corredores abertos na grossura das paredes. Nesta capella ha dois orgãos magnificos, com suas caixas de páu santo e guarnições de bronze dourado, de primoroso lavor; e em toda a igreja contam-se seis de harmoniosas vozes. O sacrario, e os baixos-relevos das capellas do SS.º Sacramento e da Sacra Familia são dignos de ver-se, e longo seria enumerar outras muitas bellezas, e obras delicadas executadas em pedra, pela maior parte por artistas portuguezes. Porem o que sobre tudo captiva a attenção é o magestoso zimbório, que é hoje proverbial em o nosso reino para designar qualquer obra magnifica e vasta. Levantase no meio do cruzeiro: pela cimalha real, que corresponde ao andar dos terrassos da igreja, corre em toda a circumferencia uma varanda sufficientemente larga, guarnecida de gradaria de ferro. A cupula é dobrada, como a do grande templo de S. Pedro em Roma (*), isto é, são duas cupulas concentricas, com escadarias entre ambas por onde sobem os curiosos ao topo, e que dão serventia para a varanda que circula o zimbório pela parte de fóra: a vista que dalli se goza é dilatada e deliciosa, quer para a parte da terra, quer para a do Oceano, que fica não muito distante. O remate da abobada é uma enorme pedra inteiriça, vasada por dentro, que fórma um oculo e tem na circumferencia oito janellas redondas abertas ao picão: esta pedra é de tal grandeza que tem 44 palmos em redondo e 13 d'alto: veio já desbastada e ôca da pedreira, e foi conduzida por 86 juntas de bois e acompanhada por grande numero de operarios; trabalhavam nella ao mesmo tempo, para a lavrarem por dentro e por fóra, 41 canteiros sem se embaraçarem. A maior difficuldade era subi-la á immensa altura onde jaz; mas para isso deu traça e inventou um aparelho o nosso compatricio, Custodio Vieira, a quem elrei fez capitão de engenheiros, e depois sargento-mór, por esta e outras invenções em que mostrou a rara habilidade em mechanica, que lhe alcançou merecidos louvores

de naturaes e estranhos. Em pouco mais de duas horas, empregando-se a força de 160 homens, foi collocada no seu lugar facilmente e sem damno uma pedra de tanto pezo e grandeza. Finalmente, o zimbório, quer pelo todo de sua architectura, quer pelos perfeitissimos lavores que internamente o adornam, é um dos mais notaveis primores da arte que o nosso reino possui. Lembraremos que só a obra feita desde a varanda geral que mencionámos até o remate da cupula foi arrematada por quatrocentos mil cruzados: porque a construcção do edificio de Mafra desde Abril de 1733 em diante proseguiu por arrematção, e a tomaram por sua conta nove dos principaes mestres que alli trabalhavam, pagando elrei uma consignação mensal de cincoenta mil cruzados.

Foi o architecto das obras o que deu a planta, João Frederico Ludovici, substituindo-o seu filho, João Pedro Ludovici, que se formou em Canones na Universidade de Coimbra, e possuia raro talento para cousas d'architectura. Carlos Baptista Garvo, milanez, mas educado desde tenra idade em Lisboa, e um filho seu foram os primeiros mestres de cantaria e alvenaria. Justi, italiano, veio fundar uma escola de esculptura, donde sahiram optimos discipulos. Do inventor dos engenhos e aparelhos para subir as pedras e outros pezos, Custodio Vieira, já fizemos acima honrosa menção.

A basilica foi sagrada a 22 d'Outubro de 1730, dia d'annos d'elrei, com uma solemnidade e pompa extraordinarias: duraram as festas oito dias; e foi tal a concorrência de gente que, tendo elrei ordenado que de suas uxarias e cosinha se provessem de sustento todos os que se apresentassem, só no dia da sagração deu-se de comer a 9:000 pessoas. Em Mafra quiz D. João 5.º recopilar a sua grandeza e opulencia: os curiosos só vendo podem convencer-se da riqueza dos paramentos e mobilia do serviço ecclesiastico, ainda que muita parte destas preciosidades foi distrahida para a Patriarchal e outras igrejas. Affirma-se que tendo o augusto fundador mandado estender pelo pavimento da basilica aquella infinidade de sedas recamadas de metaes preciosos, disse: — *Admiram-se! Pois saibam que o que estão vendo me custou mais dinheiro que toda essa grande machina de pedraria, que nos cerca.* Devia por certo corresponder a riqueza dos ornatos á magnificencia do templo.

No claustro abobadado e accomodações do convento, na magnifica sachristia, no interior do palacio, nos jardins, em toda a parte reina igual sumptuosidade. E no meio de tudo isto tem Mafra uma vantagem preciosa, a abundancia d'aguas, tanto para limpeza, como para outros misteres. Não podemos particularisar mais as grandezas deste edificio; contudo não omittiremos duas palavras sobre a livraria. Fica esta formosa casa no andar superior da parte fronteira ao mar, occupando o meio deste lanço do Nascente para onde deitam as janellas; mas da banda do Poente ha uma correnteza d'outras que olham para este lado: tem 404 palmos de comprido e 43½ de largo; é cercada de galerias, e poderá accomodar 25:000 volumes.

Em summa, poderá o leitor formar idéa do monumento que levantou D. João 5.º, e que hoje é nacional e conservado á custa do estado, não só pelo que deixamos escripto, como pela consideração do que será um edificio, ou, para melhor dizer, ilha marmorea, onde se contam 386 salas e quartos, e mais de 5:000 portas e janellas.

(*) Vid. as estampas e art.º a pag. 297 do 2.º vol.

CHRONICA DO DESCUBRIMENTO DO BRAZIL.

VIII.

O RECREIO.

A enseada Cabrália soporta pela primeira vez o peso de uma duzia de náus, e innumerous bateis deslocam as suas aguas, deixando apoz si remoinhadas esteiras: á pópa de um delles tremúla levemente a bandeira da ordem de Christo — presenciadora das conquistas feitas pelos portuguezes d'outrora, nas diferentes partes do globo. Rangem os remos d'encontro aos tolêtes, e as suas pás, fazendo na agua serpejantes sombras, rutilam com o reflexo do sol, que occasiona ao poente de cada batel uma faxa scintillante, a qual, ondeada ao de leve por um bafo marreiro, é capaz de deslumbrar a vista.

O habitador da beira-mar em qualquer paiz da terra, que, ao menos uma vez, foi em leve baixel distrahir-se longe das vozearias das praças e do tumultuar das ruas, e perante um livre horizonte respirou socego, sabe com quanta facilidade o espirito nesses momentos propende a meditar nos assumptos, que mais de perto lhe dizem respeito. E o que agora acontece. Observam-se muitos, dos que vão nos bateis, taciturnos e pensativos. Aqui o nauta emprehendedor idéa como lhe poderá a sorte deparar ensejo de eternisar o seu nome em todas as futuras cartas geographicas, até á custa do proprio sangue, como succedêra a Nuno Tristão. Alli o nobre e intrepido guerreiro se afigura ter brandido as armas, e voltar coroado de louros e cuberto de triumphos a encher-se de honrarias, e a receber as venias dos seus concidadãos. Acolá o frade de capuz, cabeça cercilhada, e cordões á cintura, ancea a oportunidade de missionar em terra de infieis para ganhar a salvação á custa do martyrio. Alem o judeu usurario, que, apesar de renegado da sua religião, não abjurou de se esquecer do seu ouro, dá tratos á memoria para se recordar de novos meios de o adquirir, enganando os povos com quem viesse a ter trafego: mais alem o aventureiro não perde as esperanças de melhorar, e se restabelecer de seus males moraes pela mudança de ares. E a final tambem não falta algum philosopho phylantropo, que medite ácerca dos destinos futuros daquelle territorio; nem está longe a alma do historiador, que lê no rosto de cada um todos estes pensamentos, e memoria e coordena tudo quanto se passa. Pela praia se vê andar gente que, maravilhada desta scena original, depõe as armas, conforme lhe tinham ensinado, em testemunho de paz, e fazem convites para que se acheguem.

Os bateis abicaram a terra, e todos effeituam o desembarque junto de uns medãos de saibro apaúlados, que de si transudam agua para córregos, que alli ha na margem do rio, opposta áquella em que se tinham juntado os indigenas. Alguns mais afoitos o vadearam, e foram metter-se a traficar com os que aguardavam; pois grande parte fugiam para a chapada (*) do monte. Passeavam entre elles quasi em

(*) E' vocabulo abonado por Fr. Luiz de Sousa, e de mui frequente uso no Brasil, para designar o *plateau* dos francezes: e certo que só os portuguezes alli o introduziram. Temos ouvido lamentar a falta de semelhante significado na lingua portugueza: nós conhecendo-a pouco talvez nos enganemos propondo, alem de *chapada*, muito usado por José Bonifacio, o de *chada*, empregado nas ilhas de Cabo-Verde; *taboleiro* de D. João de Castro (Rot. p. 35); a *meza* do Cabo de Boa Esperança; o *rechano* do Elucidario; alem de *assomada*, *cima*, *cimo*, *cumiada*, *soalço*, *coroa*, *lemba*, *lombada*, *lombo*, &c.

perfeita nudez umas poucas de moçoilas indigenas, que não pareciam mal. Pero Vaz, como homem serio e pai de filhos, prestou mais attenção a uma que andava com um minino ou menina ao colo, atado [diz elle] com um panno não sei de que aos peitos, que lhe nom parecia senom as perninhas. Outro tanto não aconteceu a certo joven portuguez, que a cada instante fitava os olhos n'outra mais nova e muito bem assombrada, que tinha encontrado na vespera, e por quem já experimentava certa affeição interior. A electrica faisca d'amor se communicou subtilmente pelos conductores respectivos — pelos olhos de ambos com a rapidez do raio: e oh ventura! já em ambos elles, nascidos em paizes tão desviados, se manifesta a doce e disfarçada liuguagem amorosa — unica que tem signaes communs em todo o universo — que é verdadeiramente pasigraphica. O usado amante vendo-se correspondido sente momentos de um extasis deleitoso; ambos parecem indifferentes a tudo quanto os cerca, e quasi mudos só se occupam de uma contemplação reciproca; e cheios de infavel prazer desejam que se estenda o dia para terem occasião de se verem um ao outro. Ah! e quão agradaveis passam taes momentos!...

Entretanto o capitão-mór se fizera tomar ao collo de dois estrinqueiros, passára o rio e fôra entre elles, voltando com todos os seus, o que obrigou os dois novos amantes a uma dura separação. — Subia pela beira do rio, senão quando viu que o esperava um velho botocudo, tendo na mão um remo, e no furado do beigo uma pedra verde ordinaria. — Ao aproximar-se quiz o capitão-mór ver a pedra; elle para isso a tirou do beigo e começou a rosnar lá na sua lingua uma melancolica lengalenga que ninguem entendeu, e o sincero Pero Vaz diz com toda a simplicidade ao rei: «que não sabia que diabo elle fallava.» — Aqui a reproduziremos, com menos intenções de guardar fidelidade aos muitos documentos que ajunctâmos, que de dar uma prova da melodia desta lingua, que conta varios philologos:

Carybâ! Xê
Oicò jé pé
Itá-uguí
Krake-mũ-y
—Ixê etê
Tijuaé...
Ha! ha! hy! hy!
Hô! hô! hê! hê!....

Esta cantilena em tom compassado e monótono, foi acabada repetindo duas vezes este ultimo estribillo, e depois levou a pedra verde á boca de Pedr'Alvares continuando a resmungar. Os da comitiva riram-se do atrevimento com que um ignorante tratava o seu chefe, que deu signaes de enfado, e o deixou seguindo pela ribeira acima. Houve quem desse um sombreiro pela pedra verde do botocudo, e depois veio parar ás mãos do capitão-mór que a enviou a elrei D. Manuel juntamente com outros enfeites de pennas de côres, armas, &c.

Em quanto Pedr'Alvares passeava, muitos dos seus colhiam, para comer, bellos palmitos; depois desceram até sitio em que tinham desembarcado, e novamente viram na outra margem muitos indigenas bailando e dançando uns apoz outros e sem se darem as mãos, o que offerecia certa novidade. Porem o que causava admiração era o vê-los com os corpos tão bem curados e tão sãos que nisto pareciam menos homens que «aves ou alimarias montezes, que lhes faz o ar melhor penna e cabello que ás mansas; porque [diz Pero Vaz] os corpos seus são tão limpos

e tão gordos e tão fermosos que não póde mais ser.” — Pedr’Alvares com a mais gente da margem opposta presenciava estes bailos e folias. Entre muitos se accendeu o desejo de ir ter com elles; e por fim Diogo Dias abriu o exemplo. — Este Dias que fôra almoxarife de Sacavem, e era homem gracioso convidou um gaiteiro ferreteado no rosto [em rasão de certo furto que comettêra no rocio de Lisboa] e se foi metter entre elles na roda a dançar, tomando-os pelas mãos: e todos logo folgavam e riam e andavam bem ao som da gaita, que era tocada por bom mestre. Pobre gaiteiro! A toda a hora e todo o instante, no momento de maior jubilo esmorecia ao recordar-se que tinha ferrado no rosto um ferrete de infamia! Pena cruel era esta, e estava então muito em voga. Foi banida pelo piedoso D. João 3.^o por lei de 26 de Fevereiro de 1524, e hoje por quasi todas as constituições dos paizes civilisados. A boa alma e as boas intenções do introductor da inquisição manifesta-se no ingenuo motivo de tal transgressão « Por não afeiar a cara do homem, que é a melhor cousa que nelle ha. — »

Dias, quando lhe pareceu era quasi sol posto, deixou de dançar e começou a fazer muitas voltas, cabriolas, e *salto real*, do que os indigenas se maravilhavam satisfeitos, até que por fim desconfiaram, por serem tão « *esquivos como pardaes de sevadouro.* »

Pedr’Alvares proseguiu no passeio até chegar a uma lagoa de agua doce, que alli ha, e mandou a

Affonso Ribeiro que se dirigisse a elles. Este degradado voltou pouco depois contando o terem-lhe alguns feito restituir uns avelorios, que antes lhe haviam furtado.

Era quasi noite quando todos entraram nos bateis por ordem do capitão-mór e se tornaram ás respectivas náus.

Os dois seguintes dias se passaram sem que houvesse acontecimento digno de mais especial menção, — ao menos que nós o saibamos. Das náus foi muita gente a terra fazer aguadã e lenha, e tiveram oportunidade de se familiarisarem de todo com os já não esquivos indigenas, a quem agora melhor examinavam: vinham já sem armas ou as trocavam por alguma carapucinha velha, folhas de papel, &c.: lutavam e folgavam com os hospedes por todos os modos, e foram muitos com elles pela terra dentro: chegaram a ter um trato tão familiar que serviam de impedimento aos carpinteiros, que trabalhavam em fazer uma cruz para a qual se cortou madeira no dia 27.

Em ambos estes dias mandou Pedr’Alvares que fosse, com dois degradados, pelo interior até onde elles eram aldeados, o folgasão Diogo Dias, com ordem de lá ficar. Esta ultima recomendação não teve o devido cumprimento. D’ambas as vezes voltaram todos de noite, desculpando-se de que lhes não tinham os indigenas permittido dormirem entre elles.

(Continuar-se-ha).



RETRATO DA DUQUEZA D'ABRANTES.

EM 1833 acabou a sua existencia, pobre e crivada de desgostos, a duqueza d'Abrantes, viuva de um general do imperio francez, morto em combate. Esta mulher fez-se celebre não só na carreira litteraria por muitos escriptos, como tambem na vida social por sua grande constancia e resignação na adversidade, e por uma grandeza d'alma que próva o quanto o seu sexo é susceptivel de virtudes varonis. Quan-

do os alliados entraram em Paris em tal consideração politica tomaram M.^{me} d'Abrantes que procuraram extorquir-lhe uma abnegação de seus principios e opiniões: o imperador Alexandre [que era tambem magnanimo por condição] a visitou muitas vezes admirando-se do valor e nobre character com que uma senhora recusava acceitar os embelecocos e commodidades da opulencia em premio da vileza d'uma retractação. Por este tempo a duqueza sollicitou para seus filhos a dotação que lhes fôra estabelecida sobre terrenos dos dominios particulares do rei da Prussia, que a reconhecêra valiosa por dois tractados consecutivos; mas este monarcha, já d'outro accordo, só concedia a dotação ou pensão, a instancias do autocrata da Russia, sob condição de que os filhos da duqueza se naturalisariam prussianos. M.^{me} d'Abrantes, com a sua costumada firmeza, rejeitou a proposta e respondeu vocalmente ao ministro do rei *que não venderia seus filhos, que não queria que elles renegassem da patria de seu pai; e que os manes deste general não exprobrariam á sua viuva uma vileza, commettida em menoscabo da sua memoria a troco d'alguns bens da fortuna.*

A duqueza d'Abrantes escreveu varios romances; porem de todas as suas obras a que lhe deu mais celebridade é a serie de Memorias historicas sobre Napoleão, o imperio, e os cem dias, e sobre a restauração. Estes livros, escriptos com estylo um tanto incorrecto, são muito apreciaveis como historia contemporanea pela imparcialidade, convicção profunda, e claro juizo que em todos elles manifesta a autora. Das primeiras Memorias, collecção em 15 vol., se extrahiram rapidamente duas numerosas edições, uma apoz outra. Quando começaram a publicar-se, muitos homens que figuravam na scena do mundo, mas com peccados velhos, se lembraram então de M.^{me} d'Abrantes, e de novo a cumprimentaram e acataram, porque eram temiveis as revelações, como os epigrammas que escrevia. Até o asuto Talleyrand, apesar da sua *impassibilidade*, se docu por vezes dos motejos vehementes d'uma senhora da côrte, a quem talvez por muito tempo reputou como pessoa vulgar e condemnada ao esquecimento. As Memorias da duqueza d'Abrantes são verdadeiramente anecdoticas, e por isso de mui delectosa e interessante leitura.

Ao funeral desta senhora na igreja de Chaillot concorreu a flor da litteratura franceza, distinguindo-se naquella assemblea d'homens illustres o decano das letras na Europa, Mr. de Chateaubriand.

NOTICIA DA EMBAIXADA QUE FOI DESTE REINO aos dominios d'elrei de Marrocos no anno de 1773; sendo embaixador José Rolim Wan Deck, extrahida da que deixou inedita o P.^e João Baptista Marques de Carvalho, capellão da mesma embaixada.

2.^o

A DOENÇA do ministro aggravou de dia para dia, prohibindo-o de desempenhar os deveres da sua missão; e tanto que assim teve de o participar a elrei de Marrocos.

No dia 9 pelas oito horas veio o baxá Benàmeran montado em um cavallo soberbo dizer ao ministro da parte do seu monarcha, que estava bem capacitado da sua impossibilidade, porem que na sua comitiva vinham pessoas habéis para substituir o seu lugar, e que elrei com sensível prejuizo se tinha demorado para lhe dar audiencia. O ministro lhe agradeceu muito esta mercê, e mandou chamar o consul geral

Bernardo Simões para lhe dar parte do estado das cousas, e lhe entregou todos os poderes como se elle fosse o proprio ministro. Pelas quatro horas e meia se presumia queria elrei receber a embaixada, e cada um se preparou com aquelle melhor accio que conservava. Eram quatro horas da tarde quando sahimos da quinta por esta ordem; o presente primeiro que tudo, logo o consul, o primeiro secretario á direita e o vice-consul á esquerda; e em outra fileira as mais pessoas graves. Seguiu-se a musica e a tropa tocando uma marcha bem agradável, e na rectaguarda os marinheiros. Assim marchámos até ao largo aonde deviamos esperar elrei. Formados todos no meio da praça, pouco tempo se passou que não vissemos sahir de uma grande porta da cidade um mouro montado em um cavallo magestoso, e depois d'elle um carrinho de quatro rodas conduzido por uma mula. Duas fileiras de soldados mouros lhe fizeram uma grande reverencia. O seu estado não constava mais do que de alguns mouros de pé, um com uma umbela verde, e dois enxotando-lhe as moscas com um lenço de cada lado. Chegando quasi ao meio da praça parou, esteve ouvindo a musica com muita attenção, e apeando-se beijou a terra: affirmaram os espectadores que esta acção fôra dar graças a Deus por se ver reconciliado com um inimigo que em outro tempo tinha sido o seu flagello. Depois montou no cavallo com grande velocidade, e mandou pelo baxá Benàmeran nos avisinhassemos para onde estava. Marchámos pela mesma ordem, e chegando proximos perguntou por meio dos linguas ao consul — *o que vinha pertender aos seus dominios.* — Respondeu que por causa da gravissima molestia do ministro vinha aos pés de S. M. — *Pois dissei o que quereis, que eu estou disposto para vos ouvir favoravelmente.* — Logo o consul lhe entregou uma carta fechada, e antes que elle a abrisse lhe disse — *eu conheço mui bem a firma d'elrei D. José.* — Aberta a carta olhou para nós dizendo — *aqui está a sua assignatura.* — Entregou-lhe tambem o consul a relação do que continha o presente, de que ficou completamente satisfeito, affirmando, pelo muito que amava a elrei D. José, voluntariamente concederia tudo o que este monarcha d'elle pertendesse. Para medianeiro nosso nomeava a seu filho o principe Muley Abselen, graça que não tinha feito a outra alguma nação, e mandando chegar mais a tropa admirou a ligeireza com que lhe apresentaram as armas, dizendo — *bono, bono.* — O interprete nos deu signal que nos recolhessemos. Caminhámos com a mesma postura até ao abarracamento. Innumeraveis mouros vieram ver esta cerimonia.

No dia 12 recebemos a visita do principe mouro, que veio tratar das negociações da paz com o nosso consul, a este tempo auctorizado para as ajustar e concluir.

No dia 14 pelas seis horas da noute veio o secretario d'elrei visitar o ministro, e depois se retirou com o consul e secretario para a barraca do jantar aonde praticaram sobre os tratados da paz.

No dia 15 veio o mesmo secretario hebreu saber da parte do rei como se achava o ministro. Neste mesmo dia principiou a quaresma mahometana, e logo que appareceu a primeira vez a lua começaram a soar do alto das torres innumeraveis trombetas que publicavam o jejum lunar, em que não podiam comer, beber, fumar ou cheirar tabaco, desde a aurora até que se punha o sol. O dia da sua paschoa é logo depois que aparece outra nova lua, tem sete dias de oitavas, em que fazem muitas festas com tambores e gaitas.

Ultimamente subiu de ponto a molestia do minist-

tro, e sem que remedios humanos a podessem atalhar, no dia 18 pelas 9 horas e um quarto, deu a alma ao seu creador aquelle nosso chefe, depois de ter recebido os soccorros espirituaes, com demonstrações de perfeito christão. Lastimados com falta tão sensível cuidámos em vestir o cadaver com o habito de S. Francisco, e, feito o caixão, foi conduzido com os pés descalços para a sala d'espera, cercado de luzes. Não se passou muito tempo que não viesse o baxá Benâmeran a dar da parte do rei o sentimento. Para credito da nação diligenciámos licença d'elrei para que fosse sepultado no hospicio dos religiosos hespanhoes. Eram 9 horas da noite mandou elrei dizer ao consul, que não obstante ser contra a sua religião sepultarem-se mortos em casa de vivos, porque o defunto era seu embaixador permittia fosse sepultado aonde pertendiamos, e as casas dos religiosos, que até aquelle tempo pagavam renda dellas, dalli por diante a não pagassem mais, pois os fazia senhores absolutos das ditas casas. Recommendeu muito que o enterro se fizesse sem algum motim, para obviar algum levantamento dos mouros. Pelas nove horas e um quarto, com boa ordem fomos depositar o cadaver no hospicio e se lhe pozeram sentinellas de guarda.

No dia 26 mandou dizer elrei por Manuel de Pontes que se queria ausentar da côrte, para o que determinava despedir-se do consul. Pela uma hora sahimos do abarracamento pela mesma ordem que no dia da embaixada. Chegando ao plano aonde elrei costuma dar audiencia, passado pouco tempo sahio elle montado em um magnifico cavallo, com o mesmo estado, excepto os dois principes que desta vez o não acompanhavam. Dando alguns passos, o baxá Benâmeran nos fez signal para que caminhassemos onde estava elrei. O consul lhe fez uma profunda reverencia, e elle com o semblante agradavel respondeu dizendo — *A-Deus, consul, eu pertendo brevemente fazer jornada; porem ahi vos fica meu filho o principe Muley Abselen, o qual vos despachará como vos pertendeis.* — O consul lhe offereceu o resto do presente guardado para aquelle dia, e elle se mostrou muito agradecido dizendo — *que sempre conservava no seu coração a elrei D. José, que no seu parecer era o melhor rei dos christãos,* e concluiu que em todo o tempo estava prompto para conceder o que os portuguezes pertendessem. — Esteve attentamente ouvindo a musica, e depois o baxá nos deu signal para nos recolhermos, e logo Manuel de Pontes lhe foi entregar as chaves dos fardos do presente. Elrei completamente satisfeito louvou muito a boa disciplina da tropa, a decencia com que nos portavamos, e a suavidade da musica.

No dia 27 pelas onze horas mandou elrei um hebreu com um cofre aonde vinham todas as suas pedras preciosas, isto é, brilhantes, safyras e diamantes, entre os quaes vinha um de 22 quilates, para que lhos avaliassemos conforme a estimação do nosso reino, e um soldado ourives taxou o valor de cada uma das peças. Pelas duas horas da tarde mandou o principe Muley Abselen um carrinho de quatro rodas conduzido por dois jumentos, forrado de tisso com suas franjas de ouro, offerta que elle fazia ao nosso principe da Beira. Pelas tres horas da tarde partiu elrei para Fedala, dalli para Mequinès, e depois para Salé, acompanhado da sua tropa e seus filhos, excepto Muley Abselen.

Na dia 28, 29 e 30 não houve novidade. Aqui farei uma descripção da cidade de Marrocos. — Tem esta de comprido, ao meu parecer, meia legua, e de largo mais de um quarto, tudo planicie; o que mais a aformosea é o palacio, ainda que sem

ordem, e as torres das mesquitas; uma dellas foi levantada em memoria de um sancto arrenegado, para os mouros de grande reputação. Pela sua elegancia e altura se avista na distancia de dez leguas. As ruas sã sem formalidade nem limpeza; as casas terreas e tristes, e as mais dellas arruinadas pelos terremotos; em uma palavra, a gente incivil e intractavel. Apenas ia algum christão á cidade o insultavam com nomes injuriosos. Os hebreus habitam distinctos dos mouros aonde chamam Melá ou judiaria. Neste paiz pagam elles a tyranna morte do filho de Deus. Os judeus não são senhores de andar a cavallo pela cidade, e logo que passarem pelas portas das muralhas ou das mesquitas, forçosamente se hão-de descalçar. Qualquer mouro, branco ou negro, póde mandar e castigar a um judeu, sem que este alegue desculpa. Quando elrei necessita de dinheiro lança tributo aos judeus desta ou de outra cidade, para que dentro de tanto tempo lh'o paguem. Emfim um judeu e um arrenegado são os objectos mais despreziveis na Barbaria.

Aos 4 de Novembro, findas as negociações a que tinhamos vindo, recebemos aviso de partir para Safy. Entrouxámos o nosso trem, excepto os arranjos da cosinha com que brindámos elrei de Marrocos por se ter agradado muito dellas. Logo no dia 5 partimos acompanhados de muitos mouros e do governador das justicas de Safy, ministro da lei, a quem elrei confiou os tratados da paz com Portugal. Desde que sahimos de Marrocos até o espaço de uma legua não se viam outras arvores mais que altas palmeiras, todas carregadas de tamaras. Daqui até Safy, que se contam dezoito leguas, gastámos cinco dias. Não vi cousa memoravel, senão grossas terras e algumas pequenas povoações. Tambem passámos e dormimos em um sitio aonde os mouros costumam fazer o sal, o qual é um lago que tem uma legua de comprido. A sua origem é duvidosa; uns dizem que as enxorradas que correm daquelles montes alli terminam o seu curso, e com o adjutorio dos mineraes da terra formam sal; outros affirmam que é olho marino que alli rebenta, e eu me inclino mais a esta opinião, porque suposto sejam grandes as chuvas, muito maior é o calor na Africa que as póde dessecar.

No dia 9 entrámos em Safy: o alcaide da terra nos veio esperar com mouros immensos, e nos guiou para umas casas, que foram de um negociante dinamarquez, aonde havia commodos para toda a comitiva. Um mouro e um judeu eram os que tinham a recommendação para nos darem quanto nos fosse necessario. Esta cidade, que foi nossa em outro tempo, está edificada debaixo d'um ar brando e suave: as casas tem sua vista agradavel, por algumas serem fabricadas á maneira europea: a gente é mais civilisada por ter sido porto de mar. No tempo que aqui nos demorámos quasi successivamente chegavam postilhões d'elrei com recommendação ao alcaide da terra para que nos não faltasse com a minima cousa, pois por muitos beneficios que nos fizessem, mais devia elrei do Marrocos a D. José rei de Portugal. Nesta cidade se acabaram de concluir felizmente os tratados da paz. O ministro da lei, interprete do alcorão, foi convidado pelo consul para ver uma comedia representada por alguns curiosos da comitiva, de que elle gostou muito, particularmente da musica. Não houve outra novidade até 5 de Fevereiro em que os mouros da vigia nos vieram dar parte que vieram uma grande embarcação, que pela altura e mastreação parecia ser fragata. Observou-se que caminhava com a proa para terra. Em fim depois de as sentarmos fixamente que era a fragata que nos vinha

buscar, mandou o consul a Pedro Mariz, e a Ignacio José, a bordo; porem, antes que lá chegassem, pelas 4 horas deu fundo. No dia 6 e 7 se embarcou todo o fato e gente; neste mesmo dia pelas sete horas nos fizemos de vella, e como eu não sou muito pratico dos termos maritimos, e porque a molestia do enjôo o não permittia, não fiz a derrota do mar; porem posso dizer que fomos felicissimos em chegarmos a dar fundo na barra de Lisboa aos 15 de Fevereiro, sem que alguma pessoa da comitiva padecesse molestia grave.

*

N.B. A relação, que acima acabámos de transcrever, continuada de paginas 60, nos foi confiada por um illustre e intelligente membro da Sociedade que publica este semanario, summamente interessado na divulgação de quanto possa contribuir para a gloria nacional. — Por esta narração singela e veridica se póde conhecer a consideração de que em Marrocos gozava o governo portuguez no seculo passado, recebendo os seus ministros honras e favores que aos d'outras nações poderosas se não concediam. O embaixador de que trata a nossa relação foi assentar paz com o principe daquelle estado barberesco; e da mesma se colhe a distincção e o respeito á corôa portugueza, com que foi recebido. Durante o reinado da Senhora D. Maria continuou a nossa influencia em Marrocos; e por tal fórma que, regendo já o Sr. D. João 6.^o estes reinos, e querendo a côrte de Vienna d'Austria pôr termo ás desavenças, que entre ella e o imperador de Marrocos se tinham suscitado, recorreu ao nosso governo como mediameiro, para obter o conclui-las amigavelmente.

Desta mesma jornada ha uma narração, escripta por Fr. João de Sousa, na bib. pub. eborense.

CURIOSIDADES ACERCA DA INQUISIÇÃO.

O 1.^o auto-da-fé que a inquisição celebrou em Portugal foi em Lisboa no anno de 1540. A ceremonia terrivel fez-se no Terreiro-do-Paço, juncto á casa dos contos, e defronte do terreiro do trigo. Sairam a *representar* neste auto vinte e tres pessoas. Era inquisidor geral o cardeal [depois rei] D. Henrique, que foi o primeiro que exerceu este *honroso* cargo. D'ahi a dous annos fez-se o segundo, e appareceu ahi penitenciada uma mulher christan, a quem os judeus com *dadivas e rógos* tinham convertido ao judaismo.

O primeiro tribunal d'inquisição foi em Lisboa; o segundo em Evora, o terceiro em Coimbra: as mais cidades do reino não eram, felizmente, dignas de tão paternal instituição.

A palavra *sanbenito*, que significa o trajo com que saíam os penitenciados, vem, segundo parece, de *sacus-benedictus*; porque este trajo era uma especie de sacco, e benzia-se antes de se vestir ao sentenciado. Eram de côr amarella e tinham no meio uma cruz vermelha posta em aspa: as explicações dos *doutores* ácerca da cruz e das côres são tão ridiculas, por via de regra, quanto era atroz o acto para que servia o *sanbenito*.

A inquisição d'Hespanha precedeu muitos annos á nossa. Na primeira colheita, feita em 1478, foram os judeus perdoados mais de 200:000, os queimados 4:000, afóra outros que o foram em estatua, e muitos ja defunctos, que para isso se desenterraram. Sairam penitenciadas trinta mil pessoas, com diversas penas, exceptuada a pena ultima; no numero destas se contavam muito conegos e dignidades das sés de Toledo, Segovia, Cordova e Sevilha.

Nos fins do seculo 15.^o a inquisição d'Hespanha, *para destruir todos os dogmas e artes vans, sciencias illicitas, e superstições de magicas e encantamentos*, recolheu em Salamanca, como principal universidade das Hespanhas, *todos os livros e papeis*, que acharam em poder dos judeus, dos novamente convertidos, e de varias outras pessoas, os quaes subiram ao numero de sessenta mil volumes, e foram queimados publicamente juncto ao convento de Sancto Estevam.

Em 1558 houve em Valhadolid outra grande queima de livros; mas não sabemos o seu numero.

Em 1632 o inquisidor geral, D. Fr. Antonio de Sotto-mayor, fez queimar dois mil volumes de obras prohibidas.

O reverendissimo senhor D. Fr. Francisco Ximenes, arcebispo de Toledo [diz um manuscripto antigo] estando na cidade de Granada no anno de 1500, antes de ser inquisidor geral fez queimar publicamente os alcorões de Mafoma, que passaram de 1:005 \$ 000 volumes, *sem reservar illuminuras e enquadernações de muito valor*.

Methodo para pôr a laã tinta, ou não tinta, apta para ser fiada sem emprego d'azeite. — Mr. Pimont no *Journal des Connaissances Usuelles* expõe este methodo, confirmado por suas experiencias.

Leva-se a pontos de ebullicão, isto é, põe-se a ferver, agua pura, ou agua alcalina, em uma caldeira de capacidade sufficiente, e hermeticamente fechada com uma tampa ou capacete, no qual haverá, por precaução, uma valvula de segurança, e um tubo de cobre, que conduz o vapor para uma caixa do mesmo metal, ou de outra materia, igualmente bem fechada e propria para receber as laãs que se quizerem submeter á acção do vapor; quando, passado certo tempo, que deve ser proporcionado á maior ou menor concentração do vapor, a laã estiver perfeitamente penetrada, tira-se para fóra, areja-se, e depois póde ella ser fiada sem se lhe ajuntar azeite.

Tenho notado que a laã assim preparada adquire flexibilidade e maciez; reconheci tambem que, entre as laãs tingidas, algumas havia que tomavam, por meio deste methodo, uma intensidade e solidez nas côres, que se faziam notaveis.

As laãs submittidas a esta operação são susceptiveis de tomar azeite, quando seja preciso; porque póde ser vantajoso azeitar as de côres muito carregadas e escuras, que de ordinario são as mais difficéis de fiar.

Eliézer. — *Poema de Florian vertido em portuguez.*

Braga 1839 — 1 fol. 8.^o

Eis-aqui uma traducção daquellas que dão tanta honra ao traductor, quanta o original dá ao auctor. Todos conhecem o mimo e a graça de quanto escreveu Florian: mas nem todos sabem que uma das suas mais formosas composições se acha trasladada em nossa lingua, sem que perdesse uma unica das suas galas nativas. Por tal arte se houve o traductor, tão aprimoradamente trabalhou, concertou e puliu a sua versão, que a não ser obra tão conhecida na antiga litteratura franceza pudera passar por nascida em terra de Portugal, pelo torneado das phrases ser nesta obrinha essencialmente portuguez, e os vocabulos castigos, sem que entre elles appareçam descuidos em que muitas vezes caem ainda os bons traductores. Quanto á obra em si escusado é fallar do seu merito: basta dizer que o seu objecto é o mais sancto dos sentimentos humanos, o amor fraterno, e que foi Florian quem escreveu o livro. — *A. H.*